

Luz própria

A razão vem permitindo ao ser humano conquistar a liberdade, palmo a palmo, ao dirigir-se à saída da sombria caverna da ignorância. Quanto mais ele avança na luminosa direção do conhecimento, tanto menos se permite ficar preso a qualquer mito que escravize. Desconhecer o que está por trás de decisões políticas, religiosas ou econômicas, por exemplo, leva a ideias superficiais e até mesmo incorretas sobre cada um desses assuntos tratados cotidianamente, pois, quando se deseja alguma mudança, tais ações normalmente convergem para os efeitos, e não para as causas. São tiros que raramente acertam o alvo. Tudo funciona com base na crença infundada, acompanhada da acomodação intelectual.

Já alcançamos um significativo nível de desenvolvimento (sempre podemos melhorar!), após longo tempo evoluindo e transmitindo informações genéticas, e tal conquista deveria refletir uma melhor qualidade de vida. Mas a realidade tem se mostrado bem outra. O que acontece conosco? O que nos impede de fazer uso de benefícios obtidos a duras penas desde as gerações mais antigas? Se possuímos um cérebro criativo para superar cada nova barreira que se impõe na trajetória da vida, por que não o usamos mais adequadamente? O que faz travar tamanho potencial? Acaso não percebemos que, apesar de tantas coisas realizadas (não são poucas! Considere todas as superações; as adequações de convívio com tanta gente diferente; as adaptações necessárias aos vários trabalhos exercidos, como a administração do lar e a educação dos filhos...), da experiência e inteligência delas resultante, infelizmente, retrocedemos no uso da razão em muitos momentos ao longo da vida? Por que agimos assim?

Uma hipótese advém de não fazermos uso, justo e equilibrado, de ideias e conceitos criados a partir de nós mesmos. Ainda somos influenciáveis demais. Pensamos e criamos perspectivas íntimas, mas na hora H desistimos, e ficamos à mercê da opinião alheia, do senso comum, mesmo sem ter certeza a seu respeito. Não confiamos o suficiente nas nossas formulações intelectuais (e na intuição) e, no lugar, deixamos o ilustre coletivo, tantas vezes inadequado ao individual, tomar conta do que é de nossa inteira responsabilidade. Porquanto pondere, não há melhor caminho que aquele construído pelo viajante, pois só a ele cabe descobrir o rumo que deve dar a si mesmo, ainda que aos olhos do mundo tal jornada possa parecer um imenso absurdo. É claro que a prudência recomenda pesquisar e questionar muito e afirmar bem pouco. E, destaque-se: que o pouco que se obtenha seja fruto de luz própria! Vale recordar o filósofo alemão Kant (1724-1804): “Ousa saber! Tem a coragem de te servir de teu próprio entendimento. Eis a divisa das luzes.” Então, avance com a razão conquistada arduamente, erga o tocheiro do saber e abra caminhos evolutivos. ■



Armando Correa de S. Neto
Psicólogo, professor e
mestre em Liderança
selfcursos@uol.com.br